

1 Introdução

I never saw my father or my mother (...) my first fancies regarding what they were like, were unreasonably derived from their tombstones. The shape of the letters in my father's grave, gave me an odd idea that he was a square, stout, dark man, with curly black hair¹.

DICKENS (1994)

Um trabalho sobre a história literária poderia começar retomando o comentário de Santo Agostinho² a propósito da questão do sentido do tempo “O que é tempo? Se ninguém pergunta isso, eu não me pergunto, eu sei: mas se alguém me pergunta e eu quero explicar, eu não sei mais”. A observação agostiniana sobre as dimensões da noção de tempo e a dificuldade de sua tematização direcionam imediatamente para a necessidade de estabelecer a complexidade de uma tentativa de conceituação da “história”. Como sugere Dosse (2003, p.7), este conceito se mostra ainda mais complexo especialmente quando se tenta percebê-lo através de línguas como o português e o francês, que carregam no mesmo vocábulo os significados distintivos de *Geschichte* e *Historie*, *history* e *story*, *istoria* e *storia* – um termo ligado à trama dos

¹ Eu nunca vi minha mãe nem meu pai (...) minhas primeiras elucubrações em relação a suas aparências foram insensatamente derivadas das suas tumbas. A forma das letras no tumulo de meu pai me deu a estranha idéia de que ele era um homem quadrado, forte, escuro e de cabelos negros encaracolados (minha tradução).

² Aurélio Agostinho nasceu em Tagasta, no Norte da África, na época da dominação romana, em 354 e morreu em 430. Seus estudos foram predominantemente retóricos, mas dedicou-se também à filosofia. Suas reflexões sobre o significado da história encontram-se na obra *De civitate Dei* (A cidade de Deus), de onde extrai a citação acima, em 22 volumes, que foi escrita entre 412 e 426 e é uma das suas obras-primas.

acontecimentos e outro significando o relato complexo que a narra. Na nossa língua portuguesa, então, a história pode ser entendida como a relação dos eventos do o homem no tempo, como um tipo de conhecimento acumulado ou ainda como uma disciplina, na dualidade de sugerir o “conhecimento” de uma matéria e a “matéria” desse conhecimento. No espaço dos estudos acadêmicos, um outro tipo de investigação, entendida como uma espécie de história em segundo grau, a historiografia, também sugere complexidade, pois pressupõe uma história da história, com a qual se busca tanto analisar as características de uma produção de “histórias” quanto o desenvolvimento deste processo, sua inserção social e as circunstâncias de produção.

Um trabalho como o que agora inicio, além da imediata observação de sua complexidade, quer pertencer a um espaço de produção acadêmica que elege certos princípios na sua construção e demanda, então, um certo número de expectativas que o validarão. Frente a estas duas questões, um trabalho sobre a escrita de uma história literária, portanto, demanda uma reflexão constante sobre seus fundamentos, objetivos e sobre os conceitos que diretamente a ele se relacionam. Ao longo da história das histórias de literatura, estes conceitos geraram produções diferentes e análises sobre a validade de sua construção também diferentes, ambas em função de concepções epistemológicas, estéticas e políticas distintas.

No presente momento, o desenrolar do conhecimento na área dos estudos da literatura, da história e da história da história, por exemplo, sugerem que nos comportemos com a mesma curiosidade e criatividade da personagem de Dickens acima. Ao mesmo tempo, esta passagem nos alerta a não repetirmos o seu erro de atribuir aos seus falecidos pais as características das formas das letras do monolito de suas tumbas, construindo, assim, referências baseadas

numa semiótica desorientada. Diagnosticadas pela própria personagem como pouco razoáveis, essas observações não se mantiveram a partir do momento no qual o código linguístico lhe foi revelado no exercício posterior de sua socialização. Contrariamente à personagem, as ciências, hoje, não estão carentes de figuras paternas e maternas. A preocupação de se estabelecer uma ligação imediata com seus fundamentos e indicar as origens do seu fazer, seus pressupostos, revelando os seus “pais” metateóricos e epistemológicos destas são indícios dessa tendência. A ciência tenta, também, não mais confiar na crença de que se pode encontrar a propriedade ontológica do significado. Além disso, seria inadequado estudar quaisquer das áreas acima através de seus indicadores isoladamente dos seus contextos e não visualizá-las como redes de interações que emergem de complicados processos psico-biosociais, nos quais a figura curiosa e criativa do observador ocupa lugar central.

Da mesma forma, a história não pode ser mais entendida como uma ciência sobre o passado, uma vez que, segundo Bloch (2001), o passado não é o real significado de se fazer história e não é objeto de uma ciência. Depois da “reviravolta historiográfica” do século XX, a comunidade preocupada com a história e seu fazer é convidada a abrir caminho para se pensar o passado como uma construção e a investigar “não o passado tal como se passou, mas suas retomadas permanentes, seus usos e seus desusos, sua pregnância sobre os sucessivos presentes” (Nora, 1993. p. 24). Até porque não se fala mais no Passado, pois isso seria uma mera referência objetiva a algo que não o é. E quando se projeta pensar sobre a história das histórias não há como deixar de sentir o peso da complexa relação entre verdades parciais e a reelaboração destas verdades, expostas nas orientações e metodologias de se contar algo sobre como algo foi contado. Esse é o convite dos imperativos do presente, recheado pela ausência de um projeto para nossa sociedade e ao mesmo tempo

impelido pelas possibilidades, que a disciplina histórica aceita, de reabrir as potencialidades de um presente inflado de passados.

A história da literatura conta então com o casamento de todas estas questões, tornando-se uma aventura investigativa que gera paixões e interesses constantes. Como área plural, envolve o contato com os elementos das disciplinas que compõem seu nome e sugere vários caminhos investigativos possíveis. Hoje, a tarefa de se pensar num projeto de uma escrita da história da literatura encontra-se num cenário onde a complexidade dos processos históricos e literários envolvidos transforma a empreitada em uma tarefa desafiadora. As demandas das comunidades científicas que julgam estes empenhos esperam do historiador decisões seletivas sobre o material de sua proposta, uma decisão em relação a modelos estéticos e ideológicos, e uma postura que o situe em relação a estratégias e opções que precisam ser justificadas e legitimadas, e que

saiba fazer justiça a essas novas concepções de história; que respeite periodização múltipla, contraditória; que enfatize a simultaneidade de processos heterogêneos não-sincronizáveis e sintetizáveis; que perceba durações diferenciadas; que saiba ser sensível a cesuras ínfimas e vagas, aos ritmos nervosos e longuíssimos; que não sucumba ao encanto da visão retrospectiva que apaga, ilusoriamente, as diferenças; que aprenda a ter paciência com infundáveis reorganizações e indecisões e sinta alegria no meio do caos de mudanças caleidoscópicas, intransparentes e provisórias(..) (Olinto, 1996, p.43).

Neste quadro, parto em busca da configuração de uma proposta que quer ser uma alternativa para a produção de uma história da literatura. Tal mister será realizado a partir da análise de conceitos principais que surgem no momento em que se questiona a razão de se pensar na produção de uma historiografia literária no cenário dos estudos literários atuais. O primeiro deles é a questão do que se encontra na ponta dos dedos quando apontamos para algo que identificamos como literatura. Sobre esta questão, oriento-me imediatamente a

partir da concepção da literatura como uma experiência, um modelo de ação, que integra elementos sensoriais, perceptuais, motores e conceituais, interligando o que o senso comum denomina por conhecimento operacional e ontológico (Schmidt, 1996). O leitor é um dos agentes destes processos – e talvez o mais importante deles - e é numa complexa rede de acontecimentos nas quais ele se envolve que a literatura acontece. Para exemplificar esta descrição, utilizarei como discurso metateórico as propostas da Ciência Empírica da Literatura alemã, que sugeriu um grande redirecionamento na área dos estudos literários.

Em relação à história, relembro o exemplo, aludido por Marc Bloch na introdução do seu clássico *Apologia da História* (2001), do menino que pergunta ao pai historiador qual seria a utilidade da história. A resposta, como apontava o autor, incide na legitimação do discurso histórico chamado a prestar contas não somente aos anseios de uma comunidade específica do saber, mas também a curiosidade da civilização ocidental. Curioso como o jovem inquiridor, traço meus objetivos em relação a minha proposta de escrita de uma história da literatura, em busca de novas respostas. São eles:

1. descrever os fundamentos metateóricos que sustentam a construção dos conceitos principais a serem utilizados no modelo e que sustentam minhas hipóteses;

2. descrever as teorias subjacentes às noções de “literatura”, “história”, “história da literatura” e os elementos importantes destes conceitos, teorias essas baseadas numa perspectiva sistêmico-construtivista.

3. descrever o modelo de história da literatura a partir das configurações acima e das questões que são consideradas relevantes para o experimento, de acordo com as expectativas de minhas hipóteses e as expectativas da comunidade científica que valida o discurso sobre a história literária que será apresentadas no trabalho.

Em relação a sua configuração como uma ação pertinente num espaço científico-acadêmico, este trabalho objetiva alcançar:

1. a teoricidade, ao conceber a literatura de acordo com elementos teóricos escolhidos e/ou desenvolvidos durante o processo de construção do modelo e que serão suas bases fundamentais;

2. a formulação de terminologias e assertivas derivadas do corpo teórico aqui explicitado, através da proposta de uma pesquisa e de uma análise teórico-bibliográfica de um enquadre metateórico e epistemológico;

3. a aplicabilidade, na viabilidade da implantação do modelo sugerido e na intenção de promover estímulos e perturbações sistêmicas que gerem outros estados no sistema literário e no sistema acadêmico, gerando outras ações.

As hipóteses deste trabalho são:

1. que todas as ações humanas são organizadas a partir da sua condição de observador e dos processos de construção de sua esfera de ação psicobiosocial,

2. que uma teoria sobre a literatura (sobre a história e sobre a história da literatura) é uma estrutura lógica que se constitui numa área de aplicação identificada como uma ação (e seus contextos), que implica em comunicados lingüísticos entendidos como relevantes e pertinentes ao conjunto de ações literárias por seus produtores (observadores) e seus pares numa comunidade específica;

3. que esta estrutura lógica possa ser tematizada através de modelos possíveis que indicam uma estrutura que conta com produtores e produções, seus pressupostos e contextos, estratégias de produção, suas ações e resultados, ou seja, sejam percebidas como um sistema social de relações e comunicações;

4. que a configuração acima implica o entendimento da literatura não como um conceito ontológico e sim como um complexo sistema de ações comunicativas;

5. que os conceitos de história e de história da literatura também são construtos sistêmicos que devem ser analisados e descritos a partir dos pressupostos acima;

6. que a história da literatura não pode mais ser vista como representação “do que realmente ocorreu” e que sua relação com o conceito de passado (que também é uma construção sistêmica) deve ser reorganizada.

E quais seriam as razões pessoais que me movem para desenvolver um trabalho como este? E como responder a esta pergunta levando-se em consideração que há uma certa angústia na sua natureza, já que várias vozes no

cenário dos estudos históricos sugerem que atualmente não sabemos o que fazer com o nosso conhecimento sobre o passado, conhecimento esse que não pára de se expandir e está cada vez mais acessível? A minha motivação (e as justificativas para este trabalho), então, se origina no meu entendimento da história da literatura como uma experiência do leitor em níveis diferentes e em dois momentos específicos da sua experiência com o universo literário. O primeiro corresponde à leitura de textos orientada pelo prazer do ato da leitura. O segundo ao contato com o texto no intuito de construir uma participação ativa numa comunidade de pessoas que desejam produzir reações comunicativas, baseadas neste ato.

Em suma, não é meu intento renovar aqui um brado sobre a já desgastada tentativa de se aprender alguma coisa com a história. Minha intenção é debater e apresentar um modelo de possibilidades de ação literária relacionado a expectativas de leitura a partir de um conceito de ação literária e de organização historiográfica que poderá ser ou não considerado válido numa comunidade específica que se preocupa com estas discussões.